

Um terremoto político acaba de atingir os Andes

Via [Jacobin Brasil](#)

Surpresa eleitoral, a derrocada dos partidos tradicionais, a “noite das facas compridas” na direita, o começo do fim para os herdeiros de Pinochet, uma grande derrota para o presidente Sebastián Piñera – por ele mesmo reconhecido – a vitória do movimento popular. Desde a tarde de ontem, a imprensa chilena multiplica os superlativos para descrever o terremoto político que acaba de abalar os Andes, do deserto do Atacama às terras frias da região de Magalhães. Os chilenos foram chamados às urnas no sábado e domingo para quatro eleições simultâneas: prefeitos, vereadores e governadores e uma Convenção Constitucional eleita para redigir uma nova Constituição para a República.

Ninguém, muito menos os pesquisadores, havia previsto tamanha agitação, embora o isolamento do governo fosse evidente e a rejeição da “casta” política maciça durante anos. Apesar da força da revolta popular de outubro de 2019 e seu impacto em todo o cenário institucional, [pode-se ter bastante cautela quanto às transformações causadas por esse resultado eleitoral](#).

O foco estava especialmente nas eleições para a Convenção Constitucional, uma eleição altamente contestada que buscou acabar com a Carta Magna neoliberal promulgada há 41 anos durante a ditadura pinochetista. O peso político destas eleições foi amplo e agitado: a unidade da direita e da extrema direita sob uma única bandeira (a do “Vamos Chile”), o pacto assinado no Parlamento para garantir que a futura Constituição seja validada por maioria qualificada de dois terços, o domínio financeiro e mediático dos principais partidos que governaram o país nos últimos 30 anos, as

dificuldades enfrentadas pelos militantes do movimento social para legalizar suas candidaturas, a grande fragmentação do campo independente e as vacilações da esquerda, sem falar na pandemia e na crise econômica... Os obstáculos eram inúmeros.

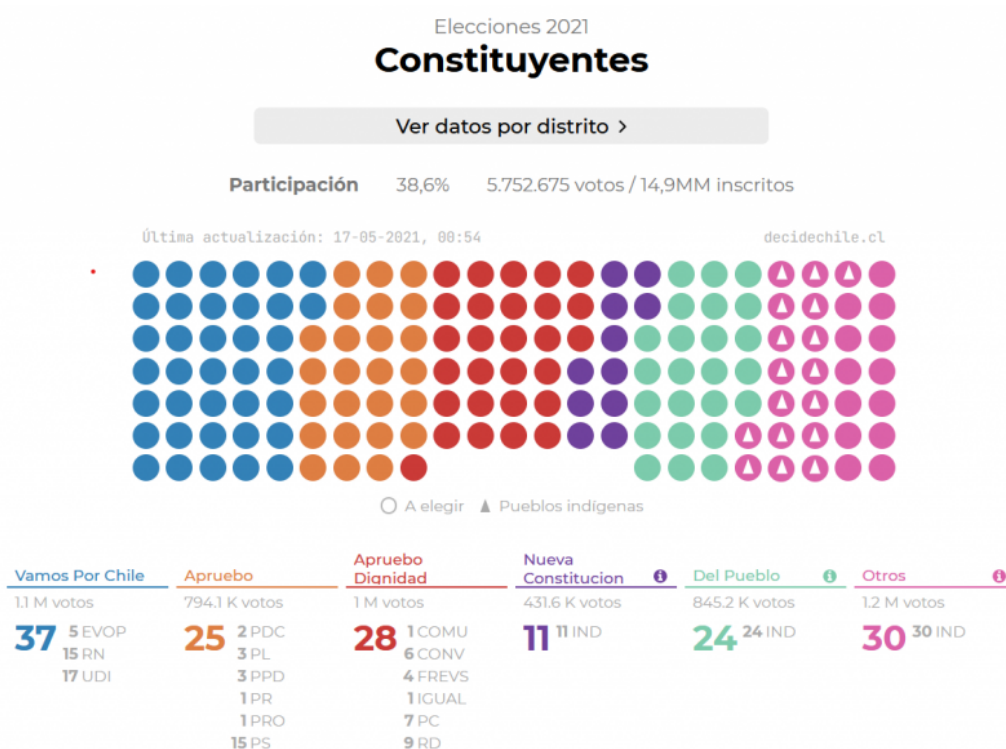
Os resultados eleitorais de ontem mudam profundamente a situação

No entanto, os resultados das eleições mudaram profundamente a situação. Primeiro, com relação à Convenção Constitucional, a coalizão de direita teve que engolir sua arrogância. Seus líderes pareciam confiantes de que conquistariam pelo menos um pequeno terço das cadeiras (52 de 155), garantindo assim uma minoria de bloqueio e o direito de veto sobre todos os artigos da futura Constituição. Entretanto, foi um fracasso. Com pouco mais de 23% dos votos, "Vamos Chile" terá que se contentar com 37 cadeiras. É também um castigo e uma humilhação para o presidente em exercício, Piñera, responsável pela crise que seu país atravessa há meses.

Outra surpresa é que o equilíbrio de poder dentro da oposição de esquerda foi totalmente revertido. A lista que reunia o Partido Comunista e a Frente Ampla (a esquerda que emergiu dos movimentos da década de 2010) triunfou em sua candidatura com 28 eleitos (18% dos votos expressos). Por outro lado, os partidos social-liberais da antiga "Concertación", que governou de 1990 a 2010 sem questionar a herança econômica da ditadura, obtiveram apenas 25 cadeiras (das quais 15 são do Partido Socialista e apenas 2 da Democracia Cristã).

No entanto, a esquerda e o centro esquerda representarão apenas um terço do total. A verdadeira surpresa foi a magnitude do voto a favor dos "independentes", que conquistaram um total de 48 cadeiras, marcando definitivamente a rejeição massiva contra os partidos políticos. Este é um grupo de candidatos muito heterogêneo, que também inclui conservadores notórios. Mas a maioria critica o legado autoritário e neoliberal das últimas décadas. É o caso, em

geral, dos candidatos da ‘Lista do Povo’, que reunia representantes dos movimentos sociais e da sociedade civil organizada e que, com 24 cadeiras, trouxe à Assembleia Constituinte figuras da revolta de outubro, como “Tia Pikachu” e várias lideranças do movimento feminista. Também a principal referência da Coordenadora Feminista do 8 de março, Alondra Carillo, entrou por meio de uma lista composta por independentes e movimentos sociais. Além disso, nestas eleições, as mulheres obtiveram resultados muito melhores do que os homens, e algumas delas até tiveram de renunciar aos seus mandatos em nome do respeito pela paridade na Convenção Constitucional.



Assim, se a direita perder o direito de veto que almejava ter, as alianças entre representantes da esquerda social e política poderiam conquistar dois terços da assembleia e finalmente começar a desconstruir o neoliberalismo chileno.

A raiva também se manifestou nas urnas com as eleições municipais e para governadores, cujos resultados terão de ser analisados com mais detalhes. Jorge Sharp (esquerda antineoliberal) foi confortavelmente reeleito em Valparaíso, assim como Daniel Jadue, prefeito comunista do município de

Recoleta, na região metropolitana (com mais de 64% dos votos). Muito popular, Jadue é um candidato declarado às eleições presidenciais que ocorrerão em seis meses. Isso é suficiente para fazer a direita e os liberais tremerem um pouco mais. Em Santiago, a Sra. Irací Hassler, uma feminista comunista de 30 anos, venceu o Sr. Felipe Alessandri (à direita), que se tornou famoso por suas declarações misóginas e anticomunistas durante a campanha. No nível de governador, a vitória do Sr. Rodrigo Mundaca em Valparaíso, um militante ambientalista e defensor da água como um bem comum, foi comemorada com euforia e alegria por muitos militantes de organizações sociais e ambientais.

Crise política

A crise de representação e legitimidade dos partidos e do sistema institucional não se reflete apenas na votação: neste fim de semana, a abstenção também foi histórica, com 61,4% do eleitorado. E ainda mais nos municípios, onde chegou a ultrapassar 65% e às vezes 70%. Assim, a maioria dos cidadãos não se sentiu desafiada por este momento político (enquanto uma parte das mobilizações em outubro de 2019 apelou a boicotar o “circo eleitoral” para continuar a luta na rua). Na maioria dos casos, os chilenos continuam mostrando sua indiferença ou desconfiança com os “de cima”, sejam eles de direita ou de esquerda, dos partidos ou mesmo independentes.

Enquanto a Convenção Constitucional deve durar entre 9 e 12 meses, as eleições presidenciais de novembro colocarão novamente a questão: que tipo de Chile deve ser construído para virar a página da ditadura?